

**PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E LABORATORIAL DE GESTANTES QUE TIVERAM
RECÉM-NASCIDOS DIAGNOSTICADOS COM SÍFILIS CONGÊNITA**

Tamires Barbosa Bezerra¹

Thiáskara Ramile Caldas Leite²

A sífilis em gestantes pode causar graves consequências para o feto quando ocorre a transmissão vertical em qualquer fase da gestação, ocasionando a sífilis congênita, que é considerada uma doença de grande impacto para a saúde pública em virtude dos desfechos adversos que gera para a interface materna e infantil, sendo necessária uma assistência pré-natal de qualidade para a prevenção deste agravo. Considerando esta problemática, este estudo tem como objetivo caracterizar o perfil epidemiológico e laboratorial de gestantes que tiveram seus recém-nascidos diagnosticados com sífilis congênita na 18ª Região de Saúde do Ceará, de 2012 a 2016. Foi realizada uma pesquisa retrospectiva e descritiva, com abordagem quantitativa e delineamento documental, realizada na 18ª Coordenadoria Regional de Saúde do Ceará, situada no município de Iguatu. A população do estudo foi composta por todos os casos de sífilis congênita notificados de janeiro de 2012 a dezembro de 2016, nos dez municípios que compõem essa Região de Saúde. As variáveis analisadas foram: idade, escolaridade, residência, realização de pré-natal, momento do diagnóstico da sífilis materna, realização de testes não-treponêmicos e treponêmicos, e esquema de tratamento das gestantes e parceiros. Os dados foram coletados de março a abril de 2017, através de um formulário baseado na ficha de notificação da doença. A análise dos dados ocorreu com o *Software* SPSS 20.0 e expressos em frequências absolutas e relativas. Obteve-se a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Regional do Cariri, sob o parecer nº 2.218.480. Foram incluídos 24 casos notificados. Identificou-se que 45,8% das gestantes tinham de 20 a 29 anos; 20,8% tinham o ensino fundamental incompleto; 62,5% residiam na zona urbana; 95,8% realizaram o pré-natal; 75% foram diagnosticadas nestas consultas; 70,8% tiveram VDRL reagente no parto; e 41,7% não realizaram o teste confirmatório; 41,7% foram tratadas adequadamente na gestação, com 45,8% dos parceiros tratados. Diante dos achados, notou-se um elevado número de gestantes diagnosticadas com sífilis no pré-natal e que permanecem infectadas até o momento do parto, perpassando a doença para seus filhos, apesar de haver tratamento disponível na rede pública de saúde. Recomenda-se que haja educação continuada dos profissionais envolvidos no cuidado pré-natal, visando modificações da prática vigente, principalmente no aspecto qualitativo, a fim de evitar a transmissão desta infecção.

¹ Enfermeira. Residência em Saúde da Família e Comunidade pela Escola de Saúde Pública do Ceará - ESP/CE. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: tamitbb@hotmail.com.

² Enfermeira. Mestra em Enfermagem pela Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: thiaskara@gmail.com.